

O Outro, do outro lado do espelho: o gênero não inteligível

The other, on the other side of the mirror: the unintelligible genre

Jobson Rios dos Santos

Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil. ORCID: 0000-0002-4987-7140. jobsonrios@gmail.com

Resumo | Este artigo discute o conto “O Espelho, do outro lado”, escrito pela filósofa e feminista belga Luce Irigaray, sob uma perspectiva filosófica, psicanalítica e linguística. Trata-se de uma análise, na qualidade de enunciação estruturante, com informações objetivas que repensam aspectos em sua produção, além de uma avaliação aos modos pelos quais estão sendo elaborados outros discursos que também ordenam, seduzem e/ou oprimem o Outro. Como instrumento, utiliza-se aqui a semiótica, que não se ocupa somente dos aspectos formais do texto como também dos elementos internos e da busca de sentidos que apontam para além da significação, para o âmbito da experiência, podendo esses serem imaginativos e ficcionais. Além do domínio da significação, há essa magnitude nuclear do texto, que tenta inscrever-se e que podemos identificar como desejo. Nesta produção de significados, investigamos o conceito de *speculum* na dialética do imaginário – ora a plenitude do prazer e a vivência de integração possível, ora a sua ausência e, com ela, a angústia gerada pela ameaça de desintegração. E é nesse contexto e de acordo com a Teoria do Espelho estabelecida por Jacques Lacan que procedemos nessa apreciação. Então, nos deleitamos à luz de Irigaray, nesse conto, a exclusão do imaginário feminino destina à mulher uma posição de apenas experimentar-se de forma estilhaçada, na margem e à margem, de estruturas dominantes pouco seguras. A realidade não é o real, mas uma espécie de emanção desse, passível de ser performada. O que nos leva a pensar que o feminino, enquanto real, resiste à compreensão, não se conformando no lugar de Outro, e, assim, torna-se não inteligível, no qual o sexo, o gênero e a sexualidade são uma unidade ficcional.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística. Gênero. Espelho. Desejo do Outro.

Abstract | This article discusses the short story “Le miroir, l'autre côté”, written by Belgian philosopher and feminist Luce Irigaray, from a philosophical, psychoanalytic and linguistic perspective. It is an analysis, as a structural enunciation, with objective information that rethinks its production, as well as an evaluation of the ways in which other discourses are being elaborated that are also ordered, seducing and / or oppressing the Other. As an instrument, semiotics is used here, which deals not only with the formal aspects of the text but also with the internal elements and the search for meanings that are available beyond the signature, for the field of experience, which can be imaginative and fictional. Beyond the domain of the signature, there is this nuclear magnitude of the text, which tries to subscribe and we can identify as desire. In this production of meanings, we investigate the concept of *speculum* in the dialectic of the imaginary - either a plenitude of pleasure and an experience of possible integration, sometimes its absence and with it, an anguish generated by the threat of disintegration. And it is a context and agreement with a Theory of the Mirror established by Jacques Lacan that we proceeded in this appreciation. Then let us delight in the light of Irigaray, in this case, an exclusion of the feminine imaginary, destined for a position of only experiencing itself shattered, at the margin and on the fringes, of uncontradictive dominant structures. Reality is not real, but a kind of emanation of it, which can be executed. This leads us to think that the feminine, as real, resists understanding, not conforming in the place of Other, and thus becomes non-intelligible, not which sex, gender and sexuality are a fictional unit.

QUALIFIER TERMS: Sociolinguistics. Gender. Mirror-Role. Someone else's desire.

E, rigorosamente, no átimo em que a história arriscar-se-ia começar, recomeçar: recomeça! Com tenacidade e constância, pois, a essência do signo é ser um entremediato. Acusem-nos de essencialistas! Há que se reconhecer na representação¹ essa espécie de emanção que se abre. Aqui, deixamos o conto “O Espelho, do outro lado”, escrito pela filósofa e feminista belga Luce Irigaray (2017), como parte integrante de sua obra, que se divide em filosofia, psicanálise e linguística; abrir-se e expandir. Não como receptáculo, mas como expressão que nos atravessa fundando um novo sentido, afinal, não se trata simplesmente do conto, ou do livro de Lewis Carroll (1832-1898) – “Through the Looking-Glass and What Alice Found There” (1871), ou da película de Michel Soutter (1932-1991) – “Les Arpenteurs” (1972). O que une essas formas de expressão? O que há de comum entre o conto, o romance e o filme?

A análise desse conto na qualidade de enunciação estruturante poderá fornecer informações objetivas para repensar aspectos em sua produção, além de servir para avaliar os modos pelos quais, estão sendo elaborados outros discursos que também ordenam, seduzem e/ou oprimem o Outro. Ademais, “é outono”! E o é, não somente por tudo que é outono mas também por tudo aquilo que não o é. Procedemos, nesse equinócio, a uma investigação da linguagem de forma que transpusemos as barreiras da frase avaliando esta articulação na trama apresentada por Irigaray. Visto que a frase era considerada a unidade linguística por excelência, (trans)passamos as barreiras entre a frase e o texto, porque os métodos semióticos não se ocupam apenas com os aspectos formais do texto, e sim com seus aspectos internos na busca de seu sentido.

Nesta produção de significado, investigamos o conceito de *speculum* na dialética do imaginário, ora a plenitude do prazer e a vivência de integração possível; ora sua ausência e, com ela, a angústia gerada pela ameaça de desintegração. E é nesse contexto e de acordo com a Teoria do Espelho estabelecida por Jacques Lacan (1901-1981) que o indivíduo formula sua primeira imagem de si, seu Eu imaginário. Começa, então, a definir o território ao qual pertence, com base no modelo oferecido por

um Objeto, podendo distinguir os estímulos internos dos externos, em especial os relacionados a esse mesmo Objeto. Pois apoiar-se em uma imagem especular, propriamente imaginária, que nada pode faltar-lhe, assim concebida como absoluta, plena, é frágil. Processo que Sigmund Freud (1956-1939) identificou como narcisismo primário, onde não há carência, só a dialética funesta do imaginário, não há mediação entre os dois estados, não há nenhuma estrutura simbólica, nem o Sujeito, o indivíduo está vivenciando o estágio pré-linguístico, até o momento em que a angústia irá se articular em linguagem. Em teorias, em contos.... Veremos o que nos reserva ao atravessar o espelho.

O Outro

É esse o momento, em que encerraram algo ou alguém, cuja menção indefinida se encontra fora do âmbito do enunciador e do enunciatário, e que se contrapõe, implícita ou explicitamente, a algo ou alguém definido, conhecido. O outro é o que eu não sou, o que desconheço em mim. Penetremos nessa dialética para pensar, primeiramente, o signo e, depois, a mulher. Charles Peirce (1999: 47) afirma que para algo ser um signo tem que “representar” alguma outra coisa, o seu objeto, apesar de ser distinto dele. E para tanto, “todo signo tem, real ou virtualmente, um preceito de explicação segundo o qual ele deve ser entendido como espécie de emanção, por assim dizer, de seu objeto”. Uma estruturação mínima que se tornou máxima, de tal forma, que podemos reconhecê-la nas mais variadas relações do pensamento ocidental. Ou seriam as relações máximas que nos levaram a reconhecê-las nas mínimas conexões?

Na questão da mulher, sob a égide da castração, “somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um outro”, afirma Simone de Beauvoir (1949: 9). Esse conflito originado pela contradição entre princípios teóricos reserva a mulher um lugar de desconhecimento e indefinição. O órgão embrionário sexualmente não diferenciado deixa de ser pênis ou clitóris, para erigir um espelho – o falo. Desambiguizador e proeminente exhibe-se sem mistérios, reservas ou pudor. Não precisa de

¹ A representação concebida no registro pós-estruturalista, em sua dimensão de significante, isto é como sistema de signos. É uma marca, um traço visível, exterior.

(pre)texto para violar a casa de alguém, muito menos, se for uma mulher. “O agrimensor entra na casa dela” (Irigaray, 2017, p. 18).

Esse Objeto visual dotado de poder muscular e motor domina aparentemente todo o seu meio, trazendo fertilidade e calor, segurança e prazer – uma cesta de provisões, de legumes; permitindo concebê-lo como autônomo, harmônico e onipotente, absoluto. Fica clara a alternância de dois estados que já possuem a cadência da estrutura básica da significação: sim/não, presença/ausência. “Onde se deve encontrar um instrumento de acender” (Irigaray, 2017, p. 19). Em sua falta, seria possível seguir existindo sem um falo? No âmbito de uma estética da existência, surge, assim, uma dialética radical, pertencente à raiz ou à origem da diferença. Vale a pena lembrar regrinhas simples: “um atizador em brasa acaba queimando sua mão se você insistir em segurá-lo por muito tempo” (Carroll, 2009, p. 19). Era uma vez, há muito e muito tempo atrás... agora, refuta-se este lugar de Outro, apontado por Beauvoir (1949: 31) no lugar que pretende fixar a mulher, na imanência factual como um objeto.

“Mas tudo foi esquecido: os ‘instrumentos de medidas’” (Irigaray, 2017). Não cabe mais uma visão cartesiana do Eu. “O prazer pode, ou não pode, ser medido, limitado, triangulado?” Assim, como a chave de ouro apoia-se sobre a mesinha de vidro de três pernas, para decifração, será necessária sustentar-se em três pontos não colineares. Segundo Requena (1996), quando é detectada uma fenda, quando o indivíduo, em sua tenra idade, percebe que aquele ser perfeito, absoluto, é diferente, quando encontra a diferença dos sexos, não pode processar essa alteração, essa imperfeição, porque não cabe na ordem imaginária narcisista a diferença. Ver, nesse âmbito, jamais será satisfatório, pois o que se vê não é capaz de corresponder ao que se espera ver. Essa diferença o conduz para o real – o fundo – que ficou eclipsado na relação dual, ou seja, “Com seus olhos violados [...] Que conhecia o lugar, o verso e o reverso; o fluxo da deformação; o negro ou o branco da perda da identidade” (Irigaray, 2017). Uma referência terceira fica assim constituída: nem Eu, nem Você; também não é uma imagem especular. Entra, desse modo, na relação, a pessoa que constitui o fundamento estrutural do relato, cumprindo o seu papel simbólico. Instaura uma

palavra simbólica, a proibição: “ainda não. Ou nunca” (Irigaray, 2017).

Nesse processo, não se trata apenas da tomada de conhecimento – o não simbólico –, mas do eterno combate pela liberdade, representado miticamente pela apropriação do fogo do Olimpo. Revela-se o caráter áspero do significante nessa interdição. Para Requena (1996), esse terceiro não é um outro objeto, uma outra imagem especular, porque possui as regras que o separa de seu Objeto. Uma Lei arbitrária, como a relação sígnica, uma agressão à sua identidade narcisista, porém, fundamental para o surgimento do Sujeito. “Ele procura o fogo. Para mascarar essa desordem, ocupar essa ambiguidade” (Irigaray, 2017). A linguagem e a mulher vêm sendo entendidas aqui, como uma estrutura instável.

Um determinado signo só é o que é porque ele não é um outro, nem aquele outro etc., ou seja, sua existência é marcada unicamente pela diferença que sobrevive em cada signo como traço, como fantasma e assombração, se podemos assim dizer. Em suma, o signo é caracterizado pelo diferimento ou adiamento (da presença) e pela diferença (relativamente a outros signos), duas características que Derrida sintetiza no conceito de différance. (Silva, 2008).

Em suma, essa articulação da linguagem que se estrutura e, aparentemente, nos rege, não se trata exatamente de uma conformação muito segura. Isto é, a identidade simbólica e a diferença são tão indeterminadas e instáveis quanto a linguagem da qual dependem. “Ela... Ela? Quem (é) ela? Ela (é) uma outra... procura algo que possa acender. Onde está o fogo?” (Irigaray, 2017).

Alice

“É pelo que ela não é – a saber, o falo – que ela pretende ser desejada ao mesmo tempo que amada” (Irigaray, 2017, p. 71). Nossa protagonista tem um caráter enigmático – “Alice tem olhos azuis. E vermelhos”, olhos femininos e masculinos, passivos e ativos, dotados de uma oposição e um dualismo. Olhos neutros ou duplos? Não há neutralidade na discursividade, nem gênero neutro. No entanto, o próprio Pai da psicanálise considera a noção de bissexualidade que, segundo Irigaray in Oliveira (2007), representaria uma unissexualidade, visto

que os postulados de Freud recaem somente sobre a psicologia feminina e não masculina. “Pois essa curiosa criança [Alice] gostava muito de fingir ser duas pessoas” (Carroll, 2009, p. 21).

Não se trata aqui da bissexualidade conjugada pela castração, cuja ideia tradicional reflete uma imagem de “neutro”. Senão, se, e só se, como uma alegoria da totalidade que poderá ser dividida de forma mítica e expor-se-á em inúmeras: “Dos en uno, y ni siquiera dos”; conforme Hélène Cixous (1995). A enunciação da mulher é ambígua, pois “si existe algo «propio» de la mujer es, paradójicamente, su capacidad para des-apropiarse sin egoísmo: cuerpo sin fin, sin «extremidad», sin «partes» principales, si ella es una totalidad es una totalidad compuesta de partes que son totalidades” (Cixous, 1995, p. 48), a maravilha de ser várias(o). “E inversamente. Duplicação, dobradura que se desdobra, sequência, imagens, enunciados, ‘sujeitos’” (Irigaray, 2017). Como isso é possível? “Não existe a palavra espelho, só espelhos, pois um único é uma infinidade de espelhos” (Lispector, 1980).

“Ao atravessar o espelho, ela abriu seus olhos”, seus olhos! Segundo Paula Cunha (2012), a crítica feminista surgiu da necessidade de privilegiar o olhar e a perspectiva hermenêutica feminina. O ato de olhar significa dirigir a mente para um ato de (in)intencionalidade. Olhos que só se abrem ao atravessar, aonde às cores vêm preencher uma plenitude. Para Requeña (1995), a passagem do preto e branco pode se configurar como um elemento da estratégia fetichista que insere a cor onde a falta restaura uma imagem primordial. O fetiche está na ordem do imaginário, cria um objeto que tem Tudo, que basta a si mesmo, que cobre toda fissura, toda fenda. Para Alice, surgem quando está só, para além da representação, na casa ou no jardim, onde pode florescer. “É preciso entender a violenta ausência de cor de um espelho para poder recriá-lo” (Lispector, 1980). Certamente que ela maravilhou-se! “Ela, desaparece na natureza” (Irigaray, 2017).

Essa intensidade cromática, essa expansão metafórica da totalidade, vinculada a um olhar feminino, diverge do que mirou a mesma natureza vista pelos epicuristas. Não se refere ao olhar que concebeu o Ser primordial, que a tudo precede e a tudo transcende – Uno-Todo, mas ao que consegue perceber

no plural vertiginoso o uno. Vivida pela experiência interior é a mente que se espelha e se vê na sua infinita identidade consigo mesma. Nossa intenção não é deflorar esse olhar, ainda que: “Ela lhe propõe gozar dela, como queira” (Irigaray, 2017).

Reservando esses sinais paralinguísticos, pensemos de outra forma na necessidade de representar o absoluto como sujeito. Hegel (1992), no prefácio da “Fenomenologia do Espírito”, nos mostra de que maneira as preposições serviram-se a essa finalidade. Seguindo a mesma lógica, Alice, é um som sem sentido, somente o predicado diz o que Alice é. A predicação implementa o seu significado. “Lá fora, Alice, é noite” (Irigaray, 2017). Por qual razão não se falar somente do eterno, do ser, do uno, como faziam os antigos gregos, daquilo que tem significação, sem refletir a respeito desses sons desprovidos? O próprio Hegel responde: “Mas é que através dessa palavra se indica justamente que não se põe um ser, ou essência, ou universal em geral, e sim algo refletido em si mesmo: – um sujeito” (Hegel, 1992, p. 32).

Alice é noite! Alice é o ponto de ancoragem no qual serve de suporte para se imputar predicados. Através de um deslocamento que pertence a quem tem um saber a seu respeito. “O ‘fogo’ foi deslocado” (Irigaray, 2017). Alice é o Sujeito que protagoniza o conto, o romance e o filme. Entre seus traços de humanidade, carrega em si seu nome de origem grega – *Alethos*, e significa verdadeiro. Para Hegel (1992), o verdadeiro só é posto como sujeito diretamente: Alice é noite. A sombra que ocupa o lugar da luz. Teremos acesso para contemplar as formas puras nas travas? Deveríamos nos contentar com a tradição pitagórica que Platão auferiu e reverberou, marcando o dualismo gnóstico de toda filosofia neoplatônica apregoada por Santo Agostinho? Precária claridade nos dará acesso a quê? O *eidolon*? A imagem? O simulacro? Ou formas imperecíveis que a geometria intui com o seu olhar capaz de abstrair dos objetos? “Mais tudo foi esquecido: os ‘instrumentos de medida’, o ‘casaco’, o ‘estojo’ e, sobretudo, os ‘óculos’” (Irigaray, 2017).

Ainda sobre Hegel (1992), o verdadeiro não é representado como o movimento do refletir-se em si mesmo. Logo, a efetividade do conceito é o automovimento. Nessa obscuridade, “lá fora, Alice, é noite”,

resiste a todos nós. *Alethos* também quer dizer real. Baudrillard (1992) considera o real como a forma abolida e desencantada do mundo, bem como o sexo é a forma abolida e desencantada da sedução. E são justos os embates do Real, aquele fundo que ficou eclipsado – aqui, a textura do papel, a tinta negra da impressão, “o nome mudo, pousado sobre minha folha quase branca” (Cixous, 1999, p. 15); que a relação dual narcisista tende acabar. Explora o seu meio, os significantes, os outros objetos, entra na malha da realidade. O custo disso será a obstrução do Real, pois devido a onipotência da figura pela qual o Eu linguístico se constituiu, as informações lhes chegam filtradas por seu código, o modelo que adquiriu. Nesse sentido, a realidade se opõe ao real. No entanto, o Real existe, porém, não passa pelo processo comunicativo, se Alice tenta se revelar, o Eu cessa a exploração, abdica de todo saber. “o fogo passou daqui para lá, a afirmar que sabe onde ele está, agora” (Irigaray, 2017).

O espelho

Carl G. Jung (1964) concebe o símbolo como um termo, um nome ou uma imagem que nos pode ser familiar no cotidiano, mas transporta conotações singulares para além do seu significado evidente e convencional. Implica algo mais, uma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. Assim, uma palavra ou imagem é simbólica quando pressupõe alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. O símbolo tem um aspecto inconsciente mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. “O inconsciente é o repositório de tudo que tem que ser reprimido quando o sujeito assume sua posição dada na sociedade e que são disponíveis na linguagem” (Kristeva in Claker, 1999). De tal natureza que nem poderemos esperar defini-lo ou explicá-lo, pois, quando a mente explora um símbolo, é conduzida a ideias que estão fora do alcance da nossa razão.

“Até quanto posso entender, nós conhecemos o mundo porque as partículas dos objetos ferem os nossos olhos”, afirma [John] Locker, no ‘Ensaio Sobre o Conhecimento Humano’, de 1690” (Bosi, 1988). No encontro com Alice, nesse conto de Irigaray (2017), meus olhos ulceraram. Sobretudo por me colocar no lugar de um leitor ou espectador que percebe que tudo o que está sendo narrado me toca, me afeta,

me pertence, isto é, me reconheço nesse conflito perante o relato. Em minha exposição, fiz referências a três dimensões da linguagem alicerçada numa teoria geral da linguagem que considera uma estética da existência, em especial, a experiência da linguagem do sujeito.

Apresentei o registro semiótico através do que pode ser articulado no texto e do que se entende, estabelecidos em uma rede de significados na qual nossa inteligibilidade pode constatar e se articula enquanto signo. Discorri sobre o registro imaginário, sobre aquilo que conhecemos, mas sem ser articulado, sem vir a ser significação. Aquilo que Julia Kristeva in Clarke (1999) considera como a *chora*, que participa do inteligível, pressiona a linguagem simbólica, mas é incompreensível. E, nos deparamos com o real, à dimensão daquilo que no texto se resiste à nossa inteligência, é aquilo que está além, da forma e do seu significado. O real do texto aparece em sua matéria mesma, em sua textura, sua anatomia. O real é, segundo Requena (1996), uma mancha, ou uma construção que leva ao desaparecimento dos signos reconhecíveis. No encontro desses três pontos, é que podemos situar o sujeito da experiência. Num espaço que não é nem semiótico, nem imaginário, nem real, mas no terreno do simbólico, que é o plano da experiência de um Sujeito diante do texto – meu lugar de fala.

“O lado de fora é um refúgio extraordinário, principalmente nesta estação, com todas as suas cores” (Irigaray, 2017). Nesse equinócio – do latim *aequus*, igual, e *nox*, noite; acontece o momento do ano em que os dias são iguais às noites. Nessa equivalência dos opostos, os últimos frutos, maduros, despencam: “bum! bum! caiu sobre um monte de gravetos e folhas secas: a queda terminara. Alice não ficou nem um pouco machucada, e num piscar de olhos estava de pé” (Carroll, 2009, pp. 16-17). Foi o verbo, aquele que estava no princípio de tudo quem fez a separação entre a luz e as trevas. Alice é igualmente noite e dia! “A sua forma não importa: nenhuma forma consegue circunscrevê-la e alterá-la. Espelho é luz. Um pedaço mínimo de espelho é sempre o espelho todo” (Lispector, 1980).

Dessa forma, é que o feminino, para Cixous e Irigaray, representa a possibilidade de ruptura, por ser plural e múltiplo, na qual uma lógica alternativa às

estruturas da *langage* se utiliza da forma simbólica para fazer o subalterno falar e fissurar a própria lógica da racionalidade asséptica, através do fruto: *écriture féminine*. Escrita como “iluminação, pois é pela poesia que nós damos nome àquelas ideias que estão – até o poema – inominadas e desformes, ainda por nascer, mas já sentidas. Essa destilação da experiência da qual brota poesia verdadeira” (Lorde, 1984). Ato de criar na busca de um eu, do centro do eu – “Devo estar chegando perto do centro da Terra” (Carroll, 2009, p. 15) – no qual prescreveram às mulheres pensar como “‘outro’ – o escuro, o feminino” (Anzaldúa, 2009).

“Por que, uma vez mais, creditar ao outro o que se recusa imputar a si próprio” (Irigaray, 2017). A poesia aqui não se revela carente, não demanda um olhar que seja o seu próprio, procura refletir o que está “do outro lado do buraco, o jardim mais encantado que já se viu” (Carroll, 2009, p. 18). Simbolizar o conteúdo essencial da chora. “Portanto não reconheço em mim nenhum ‘eu’, ou então ‘eus’ apropriados por eles, em função de suas necessidades ou desejos” (Irigaray, 2017). Na sucessão de escuridões que há dentro do espelho, conforme Lispector (1980), somente na ausência de si mesmo, o espelho apresenta-se sem imagem, vazio. E eis que, finalmente, tem-se a descoberta: “Como prêmio, essa pessoa delicada terá então penetrado num dos segredos invioláveis das coisas, viu o espelho propriamente dito”. Viu o esquema totalizador falocêntrico, que tenta reduzi-la a sua própria lei. Vê-lo sem se ver, entende que sua profundidade se expressa em seu hiato.

“Passar do outro lado do espelho é uma coisa inteiramente diferente” (Irigaray, 2017). De acordo com Gloria Anzaldúa (2009, p. 299), “não podemos transcender os perigos, não podemos ultrapassá-los. Nós devemos atravessá-los e não esperar a repetição da performance”. É possível compensar com a escrita aquilo que o mundo real não oferece. Imaginativamente, explorar alternativas de conformação para a existência e afirmar seu próprio querer, sua vontade, seu desejo. “Ela terá estado ‘no país das maravilhas’” (Irigaray, 2017). Conhece o fabuloso, o fantástico, o incrível, um lugar que não existe para falar sobre o que existe. “Sozinha ela assistiu a todas as espécies de maravilhas. Ela ia e vinha de um lado a outro” (Irigaray, 2017). Em um automovimento.

“Como medir, definir, realmente, o que permanece por trás do plano das projeções” (Irigaray, 2017). Será procurando um passado maravilhoso, idílico, que se deseja voltar? Lispector (1980) nos dá uma pista: “quem caminha para dentro de seu espaço transparente sem deixar nele vestígio da própria imagem – esse alguém então percebeu o seu mistério de coisa”. Mas “o ocultismo nunca agradou a Alice” (Irigaray, 2017). Por saber que existe a diferença, se vivencia o exílio que se dá pelo que é considerado “normal” – valoriza-se o espelho. “E Alice? – Não está mais. Nem uma nem outra. Nenhuma das duas. E nunca mais as duas juntas ou separadas” (Irigaray, 2017). Percebemos o obscuro dentro de nós, outros dentro de nós, estranhos dentro de nós, e, nos separamos de nós mesmos e entre nós. “Desde então estamos buscando aquele eu, aquele ‘outro’ e umas as outras. (...) nunca retornamos para os mesmos lugares de infância onde o exílio aconteceu primeiro, nas nossas famílias.” (Anzaldúa, 2009, p. 232). Ainda que as infâncias possuam a ciência natural da laranja (Cixous, 1999).

“O rótulo dizia ‘GELÉIA DE LARANJA’, mas para seu grande desapontamento estava vazio.” (Carroll, 2009, p. 18). Em sua queda, para Alice, o poço lhe parecia muito fundo – “Pois espelho é o espaço mais fundo que existe” (Lispector, 1980), é preciso (re)ver-se! “Ver-se a si mesmo é extraordinário”. Regressaria do exílio vazia, (trans)lúcida e iluminada. Além do mais é outono. Alice é noite /escuridão. Alice é dia/luz. Se considerarmos somente as cores-luz, um vermelho muito luminoso toma uma tonalidade alaranjada.

Os olhos de Alice piscam. Lentamente, várias vezes. Ela vai, sem dúvida, voltar a fechá-los. Revirá-los. Mas, antes que as pálpebras voltem a se fechar, vocês já terão visto que os olhos estavam vermelhos. (Irigaray, 2017, p. 29)

Inquieta e reflexiva, oscila entre os prazeres imediatos e a transcendência. Descobre que pensar não é somente raciocinar, ou calcular, ou argumentar, mas é, sobretudo, dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. O termo experiência, palavra que vem do latim *experiri*, provar (experimental), contém o ex de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e, também, o ex de existência. Trata-se de uma busca existencial e essa é o apetite impulsivo da jornada

de nossa protagonista. “Não, eu não descrevi o espelho – eu fui ele” (Lispector, 1980). Essa lucidez de sua experiência não pode separar-se dela, não está fora dela, mas somente tem sentido no modo como configura sua personalidade, seu caráter: funda sua Ética. Assim, adquire uma maneira singular de estar no mundo. O modo como se conduz notabiliza um estilo: funda sua Estética. Essa palavra de origem latina, termina no radical *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. O *per* é a raiz indo-européia, com a qual se conecta, antes de tudo, a ideia de travessia.

Considerações

“Visibilidade presente do acontecimento. Relato incessante do complemento do que se fomenta aqui até – onde?” (Irigaray, 2017). Então, o texto torna-se o espaço desse encontro do significante com a matéria resistente que tem e que se encarna. Existindo textos plenamente funcionais, comunicativos, voltados à informação, e outros que apontam para além da significação, para o âmbito da experiência, podendo esses serem imaginativos, ficcionais. Além do domínio da significação, há essa magnitude nuclear do texto que tenta inscrever-se e que podemos identificar como desejo.

Como demonstrou Irigaray (2017: 40) nesse conto, a exclusão do imaginário feminino destina à mulher uma posição de apenas experimentar-se de forma estilhaçada, na margem e à margem, de estruturas dominantes pouco seguras, “como desejos, ou excessos, de um espelho do qual se apossou o sujeito masculino”. Ainda se tenta reprimir o gozo feminino a enunciar. A autora não abandona a realidade nomeada e existente. A realidade não é o real, mas uma espécie de emanação do real, passível de ser performada. O real nos resiste de maneira inominável e inteligível, o que nos levar a pensar que o feminino apresentado, enquanto real, também resiste à compreensão, não se conformando no lugar de Outro, torna-se um gênero não inteligível. Se é que podemos afirmar que exista algum gênero inteligível. Isso é o que todas as Alices nos provam, em especial a Alice ficcionada por Irigaray. Parafraseando Foucault (1926-1984), podemos dizer que o sexo, o gênero e a sexualidade são uma unidade ficcional.

Assim, vamos construindo uma realidade através da linguagem. Uma percepção de mundo que decorre essencialmente da linguagem que empregamos. E esta, está ligada dialeticamente às condições materiais de nossa existência. É suscetível, que esse outro lado do gozo da mulher seja reencontrado através do “reatraversamento do espelho que subjaz a toda especulação. Reatraversamento lúdico, indeterminado (...) permitiria à mulher (re)encontrar o lugar de sua ‘autoafeição’” (Irigaray, 2017, p. 90). Por isso, somente uma nova linguagem, como propõe o *feminisme de la différence*, é capaz de mudar toda realidade. Mas nunca Alice. Nunca o real.

Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo mas não limitando-se a subvenções e financiamentos, conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc).

Referências

- Anzaldúa, G. (2009). Como Domar Uma Língua Selvagem. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, 39, 297-309. Recuperado de <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/39/traducao.pdf>
- Baudrillard, J. (1992). *Da Sedução*. Campinas, SP: Papirus.
- Bosi A. (1988). Fenomenologia do Olhar. In: A. Novaes (Ed), *O Olhar*. (pp.65-87) São Paulo: Companhia das Letras.
- Carroll, L. (2009). *Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá* (M. L. X. de A. Borges, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Cixous, H. (1995). *La risa de la medusa: Ensayos sobre la escritura*. Prologo y traducción Ana M^a. Moix; traducción revisada por Myriam Díaz-Diocaretz. -Barcelona: Anthropos; Madrid: Comunidad de Madrid. Consejería de Educación. Dirección General de la Mujer; San Juan: Universidad de Puerto Rico.
- Cixous, H. (1999). *A Hora de Clarice Lispector* (R. Gutiérrez, Trad.). Rio de Janeiro: Exodus.
- Clarke, M. A. (1999). *Júlia Kristeva: para além do simbólico*. Revista Mulheres e Literatura, 3.

- Cunha, P. C. R. R. M. (2012). Da Crítica Feminista e a Escrita Feminina. *Revista Criação & Crítica*, 8, 1-11. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46837>. doi: [10.11606/issn.1984-1124.v5i8p1-11](https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v5i8p1-11)
- Hegel, G. W. F. (1992). *Fenomenologia do Espírito* (P. Meneses, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Irigaray, L. (2017). *Este sexo que não é só um sexo: sexualidade e status social da mulher* (C. Prada, Trad.). São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- Jung, C. G. (1964). *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: J. Lacan, *Escritos*. (V. Ribeiro, Trad.; pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1966).
- Lispector, C. (1980). *Água Viva*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Lorde, A. (1984). Poesia não é luxo. In: *Sister Outsider: essays and speeches* (T. Nascimento, Trad.; pp. 36-39). New York: The Crossing Press Feminist Series.
- Oliveira, M. J. (2007). *Écriture Féminine: um olhar a partir da estética da existência*. In: *Encontro de Professores de Letras do Brasil Central e Colóquio Ler: Língua, Ensino e Cidadania, 2007*, Brasília, DF, Brasil, 5 e 4.
- Peirce, C. S. (1999). *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva.
- Requena, J. G. (1996). *El texto: tres registros y una dimensión*. Trama & Fondo, 1(1), 3-32.
- Silva, T. T. (Org.). (2008). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes.